

Governo usa a tensão para ganhar tempo

MARIA IZABEL FREITAS
Da Editoria de Política

Ensinam os estrategistas e analistas políticos que, em momentos de crise, abrir um guarda-chuva cor de abóbora em meio a uma multidão de guardas-chuva pretos é uma boa solução emergencial. Melhor ainda se alguém o abre no lugar de quem atravessa a crise. No caso da manifestação de Brasília na última quinta-feira, a Cut e o PT transformaram-se em um enorme guarda-chuva. Cor de abóbora.

A função de cor pode variar conforme o gosto do freguês. O tamanho também. Mas a função básica em qualquer situação é a mesma: desviar atenções. Se o Governo esperava a manifestação, mas não pôde prever que seu tamanho fosse tão desproporcional às expectativas, o momento agora é o de se proteger sob o imenso guarda-chuva aberto na tentativa de resolver os problemas e as crises internas.

Essa tese, apesar de etérea e sutil no campo da prática política, passa por mentes de graduados assessores do Palácio do Planalto como uma boa idéia. Aproveitar o momento de tensão, "provocado por radicais", dá uma oportunidade para que o Governo esconda ligeiramente que atravessa um período de turbulência fenomenal e ganhe tempo para discutir soluções à boca pequena. Pedir a moratória ou ir ao Fundo Monetário Internacional é a questão em jogo atual, que poderá resultar em dividendos políticos para o presidente José Sarney, dependendo da solução. Essa solução, que está sendo negociada a várias mãos, passa obrigatoriamente pelo crivo do PMDB.

O maior partido da Aliança Democrática, mais uma vez ameaçado pelo fantasma de um novo "racha" após as elei-

ções, tem realizado sucessivas reuniões para a discussão da dívida externa. Após o episódio de quinta-feira, a negociação do partido com o Executivo ficou mais fácil. A Aliança Democrática novamente se uniu, através de declarações formais dos líderes dos dois partidos, na tentativa de recompor a imagem de José Sarney.

Os seqüentes erros na divulgação do Cruzado II, que resultaram em um pedido de demissão do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, no despencaamento das Bolsas de Valores, em críticas densas do próprio PMDB, e que culminaram com a ação de uma polícia mais violenta que à época do general Newton Cruz, poderão ser momentaneamente encobertos e, sob a proteção da chamada radicalização que a Cut e o PT promoveram, no entender do Governo, podem caminhar para uma solução.

Os assessores de Sarney não escondem que o Governo errou, e muito, desde a divulgação do novo pacote econômico. O desencontro de informações dos ministros envolvidos, a onda de boatos que varreu o País, enfim, o clima de desestabilização que se insinuou no horizonte, são erros que o Palácio do Planalto entende que saíram centralizados da falta de sensibilidade política dos tecnocratas. Mas, por feito, o presidente José Sarney não aceitaria transformar o ministro Dilson Funaro em "boi de piranha", mesmo porque, no atual andar da carragem, ele precisa do ministro para tentar consertar o que foi feito de errado. Trocar de ministro da Fazenda, a esta altura do campeonato, não resolve o problema, segundo afirmam os auxiliares presidenciais.